



CASTELLO DE CARISBROOK, NA ILHA DE WIGHT.

Apresentando a vista do castello de Carisbrooke, na ilha de Wight, aproveitaremos a descripção que d'elle nos faz madame Luiza Colet, que visitou este anno o mencionado castello, e o palacio d'Osborne, de que fallaremos proximamente, na mesma ilha, residencia de verão da rainha d'Inglaterra.

A cidadella de Carisbrooke remonta á invasão dos romanos, e parece ter occultado ao tempo os seus vestigios. A principal entrada é uma grande porta arqueada, flanqueada por dois enormes bastiões.

Esta porta abre-se sobre um vasto pateo, especie de campo de Marte, destinado ás evoluções militares; depois eleva-se o corpo principal do edificio mais moderno, que serviu de prisão a Carlos I, e mais tarde a seus filhos. Na parte posterior do outro pateo levanta-se a *torre romana*, construida no seculo VI, para o cimo da qual se sobe por uma escada quebrada de setenta e dois degraus. No angulo sueste d'esta torre estão as ruinas d'outra torre chamada *Montjoie*, cujos muros teem dezoito pés de grossura; finalmente, da cidadella desmantelada existe ainda a janella pela qual o rei Carlos I tentou evadir-se: no campo esperavam-no os cavallos, uma barca na praia, e um navio, enviado de Hollanda pela rainha, nas aguas visinhas de Southampton; mas

ainda que esta janella da cidadella, proxima do quarto do rei preso, não tivesse em cada arco diagonal senão um varão, elle não pôde metter a cabeça. Assim mallogrou-se esta evasão. Depois puzeram dois varões n'esta janella, actualmente arruinada.

Do alto da torre romana avista-se o mar; á direita fica a floresta e a linda aldêa de Carisbrooke com a sua igreja, cuja torre sustenta um grande relojo; d'outro lado está a cidade de Newport, e para a esquerda planicies e collinas magnificas.

### O GALEÃO ENXOBREGAS.

(*Scenas navaes do seculo XVII.*)

Continuação.

III

FOME E SEDE!

Hoje é quasi um prazer o navegar. Prazer inteiro nunca direi que seja, por que sempre se soffrem algumas privações a bordo. Mas agora encontra-se o conforto, a velocidade, e até certo ponto a segurança que não havia no seculo XVII,

NOVEMBRO, 7, 1857.

e que ainda muito tempo depois não houve. A relação das perdas de naus portuguezas nas carreiras da India, da China e do Japão, da Arabia e Sino persico, do Brazil, Guiné e Congo, é tão volumosa e tão horrivelmente tragica, que custa a crer como tantos de nossos avós, nobres e plebeus, ecclesiasticos e seculares, velhos e moços, e até mulheres, se arriscavam aos perigos de temerosos mares nos mal construidos, ronceiros e incommodos galeões, caravelas, zavras, patachos e galés d'aquelles rudes tempos, em permanente risco de uma morte dolorosa.

Desde que começaram as descobertas dos nossos conterraneos por todas as partes do mundo, não se passou talvez um anno, até á epoca a que se refere esta historia, sem que algum navio portuguez se perdesse, e com elle a vida de muitos homens, e preciosos cabedaes. A principio, a coragem dos nossos em se expor ás furias do Oceano, poder-se-hia explicar por um vehemente desejo de gloria, de ganhar nome honroso devassando novos mundos; porém no seculo xvii já não era mais do que a ambição que arrastava aos mares os filhos dos Gamas e dos Pachecos. Ao guerreiro substituiu-se o negociante, ao descobridor o especulador, e até ao missionario já se ia substituindo o rico prebendado. O nosso imperio maritimo tinha de cair finalmente; e já se desmantelava por diferentes partes em 1650, quando o galeão Enxobregas, alongando-se do Malabar, perdia o cheiro da pimenta, que diziam os marinheiros lisonjear o olfato por toda aquella costa, e procurava ver a, outr'ora nossa, ilha de Ceylão, aonde melhor aroma, o da canella, embalsama os ares até grande distancia da terra.

A 20 de Setembro, depois de terem apanhado bastantes trovoadas, mas poucas calmarias, por irem afastados da costa, enxergaram o cabo Comorim; e fugindo do golpho que separa o dito cabo da ilha de Ceylão, por causa da força das correntes que ahí se encontram, guinaram para fora de Ponta de Galle, desviando-se assim do celebrado *Pico de Adão*, tão respeitado dos indios.

Com viagem regular, sem agua de mais na bomba, nem de menos nos toneis, foram navegando por aquelle extenso golpho de Bengala, governando de modo a passar pelo canal das ilhas de Nicobar; onde tencionavam tomar alguns refrescos. D'ahi singrando pelo canal do *Sombreiro*, já com vento mais frescalhão, e que prometia crescer, diligenciaram abrigar-se no optimo porto de leste da ilha da *Pimenta*, e fazer ahí mais aguada, em quanto passava a maior força da borrasca.

Andados já dias de Outubro, embocaram pelo estreito de Malaca, deixando pela popa o então insignificante *Pulo Pinão*, hoje importante *Pinang* ou ilha do *Principe de Galle* dos bretões; e encostando-se mais á terra de Achem do que á península malaia, para não avistarem aquelle soberbo emporio avassallado por Albuquerque, e que ha mais de dez annos jazia em poder dos hol-

landezes, surgiram ao cabo de alguns dias em face da ilha de Sincapura, logar quasi deserto então, humilde valhacouto de miseraveis pescadores, e hoje assento de uma das mais formosas e commerciaes cidades do mundo.

As decantadas *samatras* d'estas paragens, não haviam affrontado muito os nossos navegantes no trajecto entre as duas portas do estreito de Malaca, cujas chaves guardam cuidadosamente hoje os nossos *antigos e mais feis aliados*, modernos herdeiros d'este vinculo portuguez, instituido por Diogo Lopes de Sequeira, Fernão de Magalhães, e outros.

D'aqui para o mar da China sae-se por um de tres estreitos, que se denominam: do *Governador*, de *Sulete-Baró*, ou *Sincapura a velha*, e de *Sincapura*. Este ultimo preferiu o piloto da nau Enxobregas para passar ávante, e governando a leste enxergou o alvo cume da *Pedra Branca*, aonde hoje existe um pharol. D'ahi navegando ao norte-quarta-de-nordeste, procurou reconhecer *Pulo Laor*. Com vento favoravel seguiu o galeão, prumando de meia em meia hora, á vista da enseada de Siam.

Quando porém se acercava de *Pulo Condor*, ante-manhã, e que o prumo marcava dezoito braças de fundo, arêa branca com caramujos e conchinhas, tratou o piloto de orçar, buscando maior fundo, para não ir por dentro dos ilhotes encostar-se á terra de Camboja, onde, quasi um seculo antes, se perdera Camões; mas de repente caiu sobre o navio tão rija samatra, que parecia acabar-se o mundo.

O mestre, muito pratico d'esta navegação, gritou logo da prôa: «Amaina tudo! Amaina! E ligeiro, que não é para graças esta trovoadá!» «Andar com a mão, camaradas!» bradou em seguida o contramestre; fazendo tomar as velas, menos um bolso do traquete; e distribuindo alguns pescoções aos moços, para activar a manobra. Quando o capitão appareceu no chapiteo da popa, para dar força moral á tripulação, já o mar andava revoltado, como se a borrasca durasse ha muitos dias; o ceo negro e pesado achatava-se sobre os topos dos mastareos; a chuva caia em grossas gotas sobre o convez da nau; e o vento, assoviando horrivelmente por entre os cabos e antenas, parecia querer derribar todos os obstaculos que encontrava.

Era um quadro medonho! E posto que repetido mais de uma vez n'esta viagem, e contemplado mil vezes pela maruja e officialidade do Enxobregas em outras occasiões, nem por isso deixava de aterrar.

As scenas da tormenta são sempre originaes! Os seus aspectos, peripecias e resultados variam de um para outro ponto do globo, de uma para outra estação do anno, e estão em parte sujeitos á qualidade das embarcações, e á pericia dos seus mareantes.

Não houve remedio senão dar a popa ao vento, e correr, sem norte, talvez a caminho da perdição.

O leme dava horriveis pancadas, e nem passando-lhe novos aldroses eram bastantes dez homens para o subjugar!... A final, tão grande mar rebentou na popa do galeão, que os machos do leme partiram, e ficou sem governo o barco!

Começava a alvorada. O contramestre com alguns marinheiros mais experientes no seu officio, improvisava uma *esparrela*, com toros de amarra e uma antena, afim de substituir o perdido timão; e o mestre carpinteiro, com ajuda de alguns mancebos, tratava de concertar o *coice* da popa, e o *cadaste*, arruinados pelas pancadas que lhe dera o leme, quando se despegou d'elles. Mestre Duarte Fernandes corria a uma e outra parte do navio, *safando rascada*, e examinando se estava rebentado algum óvem da enxarcia, algum brandal ou estay, e se os cabos de laborar estavam claros para a manobra. O condestavel e o calafate fechavam, pregavam e calafetavam as portinholas das peças, em quanto os soldados de mar passavam contra-vergueiros á artilheria.

O sol raiou brilhante. A samatra havia fugido; mas, como uma maldição de Deus, deixara signaes indeleveis da sua passagem!

A nau pôde largar as gáveas; a *esparrella* foi collocada na popa, e governavá com talhas dobradas, que passavam pelas portinholas dos guarda-lemes; porém Macau ainda estava muito longe!... Arribar; para onde? Seguir; e a tormenta?... Se lhe cae um tempo duro; sem leme!... O padre Jeronymo resolveu a questão, fazendo voto, em nome de todos os mareantes e passageiros presentes, de levarem a gávea do traquete em devota procissão aos pés de Nossa Senhora da Conceição, no seu altar de Macau, se Deus, por intercessão da Virgem, os conduzisse a salvamento á China; e que continuassem a navegar ao seu destino. Aprovada, por maioria, a moção, como hoje se diria, seguiu a nau a esteira do Oriente.

O tempo foi abonçando de hora para hora, por que o vento não era já de arrancar pinheiros, e só o baloiçar das vagas fazia enjoar a nau.

Achando com a sonda fundo de arêa preta, entendeu o sota-piloto estar com a *lagem de Mathews de Brito*, e posto que o piloto se fizesse já ao mar de *Pulo Cecir*, sempre foram deitando ao nordeste para *segurar a manobra*, e mesmo por desviar da costa de Champá, que se dizia andar suja de corsarios... bom estava agora o galeão para combates!

Passando a leste da *corôa de Santo Antonio*, e indo em demanda das primeiras ilhas da China, começou o vento leste a fustigar a nau, de modo que tornou a abrir agua. Ora n'um bordo, ora no outro, enfim, com as bombas na mão, lá iam barlaventeando para o seu caminho, em quanto elle durou; mas por dezoito graus de latitude septentrional, entraram umas impertinentes calmas com a embarcação, como se estivesse na Linha. Tomava-se o sol ao meio dia, e achava-se a mesma altura da vespera! A *barquinha* não trabalhava; e o panno, para se não romper, estava

debaixo da gazeta. Pairavam por força maior: não como o *hollandez á espera do bom tempo*.

Porém uma desgraça, maior de que todas as occorridas n'esta malfadada derrota, esperava ainda os miseraveis tripulantes da nau *Enxobregas*, e seus passageiros!... Era a fome, com o dedo carcomido, apontando para as agonias de uma morte lenta... Era a sede, mil vezes mais horrivel do que a fome, acenando com os delirios da febre a esta turba desesperada!...

Desde que haviam fugido da barra de Champá, que a gente da nau vinha a dois terços de ração, e tres quartilhos de agua para beber, e meia canada para cosinhar em cada dia; porém vieram denuncias ao capitão de que o dispenseiro, um tal Gil Corrêa, lavava a sua roupa em agua doce, e banqueteara os seus amigos todos os domingos e dias santos. Vendo pois Bastião de Moraes que continuavam as calmas, sem se poder adivinhar quando teriam termo, mandou tomar contas ao dispenseiro, tanto da aguada como dos mantimentos, por um conselho de officiaes e passageiros, assim composto: o principe D. Martinho, o sota-piloto, o missionario do Japão, o *cheira-dinheiro*, e o calafate. Mas qual não foi o terror d'estes homens, e em seguida o de toda a gente de bordo, quando por toda a vidualha encontraram um barril de biscoito, já encetado, e algumas gulodices que o dispenseiro reservava para si!... Duplicado horror, pasmo, e logo desesperação, achando apenas meio tonel de agua doce, e esvaziados todos os outros cascos da aguada!...

E a calma na vela! E a agua na bomba! E a terra distante!... Com os paioes e a dispensa vãos!!...

O capitão lançou logo um bando em que ordenava, que quem quer que tivesse nos seus camarins ou beliches alguma quartola de agua, e qualquer mantimento, marmeladas e confeitos que fosse, viesse entregar tudo sem demora aos cinco commissionados, que haviam estabelecido a sua administração junto ao cabrestante de ré, entre o mastro grande e o da mesena. E assim se fez; todos contribuíram para o monte grande, e desde esse momento repartiu-se igualmente o mantimento e a agua, em porções tenuissimas, por quantos vinham a bordo.

Porém a ultima moinha de bolacha estava engulida. depois de comidos todos os ratos, gatos, macacos e passarinhos que iam no galeão; a ultima sede de agua fóra esgotada, de companhia com a que produzira uma copiosa chuva de algumas horas; e as pranchadas de chumbo da artilheria, cortadas em pedaços, serviam de unico refrigerio áquellas boccas escaldadas pela febre... e o vento sem chegar!

Ora pintava de um lado, ora apontava do outro, mas nunca passando de ligeira bafagem. Os bateis que rebocavam a nau, pouco a faziam adiantar; nem os marinheiros já tinham força para puxar-dos remos.

Todos se admiravam, principalmente os velhos

navegadores d'estes mares, de achar tal constancia de calma em tão grande altura, e n'esta estação do anno; e só attribuiam este phenomeno a castigo de seus peccados.

Dois dias completos se passaram sem nada se comer nem beber a bordo do galeão. Um marinheiro, desvairado pela sêde, lançou-se ao mar a afogar; outro, aguilhoado pela fome, seguiu-o nas aguas para aproveitar o seu cadaver. Depois verificou-se na prôa uma horrivel scena de cannibalismo! Disputava-se ás facadas a posse de qualquer sevandija, que por acaso se descobria nas cobertas e porão!

A autoridade tinha-se annullado de todo n'aquelle microcosmo naval: a fome e a sêde faziam mais contra a disciplina do que a tormenta e a revolta!

Quando enfim uma aragem mais fresca e de feição veiu galvanisar aquelles cadaveres, encontrou a joven chinesa prostrada, sem côr nem falla, no seu leito de agonia, tendo de joelhos a seus pés o extremoso principe de Arracam, e á cabeceira o padre Jeronymo que lhe lançava a absolvição.

Porém o vento refrescou pelo sueste, e o galeão fazendo força de vela, começou a deitar seis milhas por hora.

Era a salvação que chegava! Quasi que esqueceu a fome... a sêde é que era difficil de olvidar!

Porém o ceo, condoido alfim dos mesquinhos nautas, mandou-lhes abundante chuva.

No dia seguinte pescaram algum peixe, que foi devorado mesmo crú! E, finalmente, no ultimo de Dezembro, avistaram em distancia de quinze milhas a ilha dos *Ladrões*, e tomaram pratico, mantimentos e agua de uma lorcha chinesa.

No primeiro dia do novo anno do Senhor, 1651, ancoraram a salvamento no porto de Macau, dando muitas graças a Deus de se acharem felizmente em terra de amigos.

Tratou-se logo de cumprir a promessa feita na occasião da tormenta; e aquelles que podiam arrastar-se, saíram em terra n'essa mesma tarde, conduzindo a gavea promettida a Nossa Senhora da Conceição.

Esperava-os na *praia Grande* o capitão geral, os membros do leal senado, cleresia, e povo da cidade, assim christãos como chins; e tomando a dianteira o missionario com a cruz alçada, poz-se a caminho o prestito para o templo catholico, a pequena ermida de S. Lazaro, onde mui devotamente resaram, com choros de alegria, os miseros aventureiros.

Assim terminou o terceiro acto d'este medonho drama, com o qual não finalisa ainda a acção. Novas peripecias se desenrolarão ante os olhos do leitor, não menos verdadeiras e interessantes do que as precedentes, até ao fatal desenlace, a pasmosa catastrophe do galeão *Enxobregas*.

Continua.

F. M. BORDALO.



O EX-MOSTEIRO DE MATALLANA.

Quando os monjes de humildes ascetas se transformaram em senhores de terras e vassallos, variou em grande parte a sua condição social e politica. Em quanto estiveram entregues á meditação e penitencia, lavrando a terra pelas suas mãos e longe dos bens terrestres, bastaram-lhes

a solidão e a pobreza. Mas depois que o baculo religioso foi substituido pelo sceptro feudal, que deixaram o ermo pela côrte, e a paz dos claustros pelo estrepito das batalhas, foi-lhes preciso o espectáculo do poderio e da mais elevada representação. D'esta metamorphose nasceu a de-

cadencia dos institutos monasticos. Todas as creações humanas degeneram ás mãos do tempo e do homem, e a degeneração é o primeiro symptoma de dissolução dos corpos collectivos. Matou os poderosos e heroicos templarios, acabou com as aristocracias, e tambem deu em terra com a grandeza monacal. Fazendo a civilização, sempre progressiva, apparecer os inconvenientes d'aquelle desvio, e apresentando-as incompativeis com as novas necessidades, com as successivas aspirações da humanidade, e com os elementos principaes de cada seculo, ficam isoladas do sentimento social, e morrem pela propria caducidade. E por isso não resuscitam. E por isso se alguem, desconhecendo o espirito dos tempos, intentasse restituil-as á vida, não passaria isso de uma operação artificial e infecunda, semelhante á do galvanismo sobre os hirtos e impassiveis membros do cadaver. Quem seria hoje capaz de emprehender uma cruzada?... O tempo é um rio que não retrocede.

D'aquella alteração soffrida pelo monachismo, procedeu tambem a mudança em suas condições d'existencia. As mercês regias e os favores aristocraticos, os feudos e senhorios, as jurisdicções e riquezas foram os elementos necessarios da sua nova posição. E passaram das retiradas cellas ás sumptuosas moradas; das privações asceticas aos regalos da mollicie; da pobreza evangelica á opulencia senhorial. E levantaram-se logo á custa de prodigos bemfeitores os alcaçares soberbos, com porticos de marmore e cupulas de cristal, debaixo de cujas pittorescas abobadas passavam vida regalada os que renunciavam ás vaidades mundanas, ao vestir a cogula de S. Bernardo.

Matallana foi um dos monumentos insignes de tal engrandecimento. Nascido á sombra da purpura real e da espada feudal, é um testemunho do prestigio e importancia que chegaram a conquistar os filhos de Cister, desviados da sua bandeira primitiva. A sua historia é a mais eloquente paraphrase da fortuna monacal, e diz por si só tudo quanto pode suggerir o estudo mais philosophico sobre este ponto de litteratura historica.

O poderoso senhor D. Tello de Menezes e sua esposa Gontroda fundaram este mosteiro, sob a invocação de Santa Maria de Mataplana. No anno de 1213 deu-se por concluida a obra, e os senhores fundadores e seus filhos o doaram á ordem cisterciense, com a protecção e autoridade do rei D. Affonso. Este monarcha outorgou o privilegio, cujo litteral contheudo é o seguinte:

*Concedo tibi Telli Petri et uxori tuæ Guntrudæ et filiis vestris ipsam Mataplanam dari á Deo et Beatae Mariæ de Christh. Ordin. Cisterciensis, et ipsam recipia sub custodia atque defensione mea.*

Este pergaminho prova que o termo de Matallana tinha-o D. Tello em feudo da corôa, e que pediu e obteve a indispensavel licença para a sua transmissão aos monjes. A phrase *ipsam Mataplanam* tem referencia naturalmente á petição, sobre que se outorgara o privilegio de sub-enfeu-

dação. A necessidade d'esta licença explica-se pela organização dos feudos, e em particular porque Mataplana, ao sair das mãos de D. Tello, entrava na jurisdicção espiritual em prejuizo da temporal. Pois ainda que os monjes como feudatarios ficavam sujeitos ao rei, costumavam valer-se de suas immunições e preeminencia canonicas, para entorpecer-lhe a acção e desvirtuar-lhe a autoridade.

Continua.

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

749. O duque dos francezes não tivera esta condescendencia com a nação senão para ganhar tempo. Amado dos povos, respeitado dos grandes, estimado do clero e dos frades, não via outra barreira entre si e o throno, senão a difficuldade de parecer subir a elle sem injustiça. O papa Zacarias, cujos predecessores tinham estendido a autoridade da santa sede sobre a França, soube aplanar este obstaculo. Pepino enviou-lhe uma especie de caso de consciencia, concebido n'estes termos: «É conveniente que um homem incapaz de reinar tenha em França o nome de *rei*, em quanto que o poder real é exercido por outro que faz d'elle bom uso?» O pontifice respondeu que valia mais dar o titulo de rei áquelle que tinha a autoridade. Esta decisão foi recebida como um oraculo, e os estados do reino conformaram-se com ella. Childerico foi rapado, e enclausurado, com *Thieri*, seu filho unico, em um mosteiro.

Assim acabou a raça Merovingiana, depois de trezentos e trinta e tres annos de reinado desde Pharamundo, e duzentos e setenta desde o grande Clovis. Deu trinta e seis reis á França, vinte e um dos quaes reinaram sobre Paris. Os primeiros quatro eram pagãos; os outros foram christãos, mas a maior parte mais de nome que de costumes. As dissensões domesticas, e as guerras civis abalaram ao principio o seu poder; a dissolução e o desleixo acabaram de o derrubar.

Quando, em uma reunião onde se ostente a opulencia, experimentardes vergonha percebendo que a simplicidade dos vossos vestidos é notada, perguntae a vós mesmo se trocariéis, com aquelles que vos ceream, o modo de vida, o character, o talento, e reassumi a altivez que fica bem ao homem honrado. — *Broz.*

O direito e o dever são como duas palmeiras, que não dão fructo senão crescendo ao pé uma da outra. — *Lamennais.*

A \*\*\*

Que noite a de hontem, meu anjo!  
 O que nos ambos soffremos!  
 Tu choravas, eu chorava,  
 E no pranto mais a lava  
 Se ateava d'este amor!  
 Nada em phrases nós dissemos;  
 Mas os olhos, rasos d'agua,  
 Diziam bem quanta magua  
 Devastava as nossas almas!  
 Eu duplamente soffria,  
 Porque um remorso pungente  
 Vinha, per entre a agonia,  
 Tornar-me a dôr mais ardente!...  
 Sabes qual era o remorso?  
 Era o haver-te encadeado,  
 N'essa dupla primavera  
 De taes annos e do amor,  
 A mim, que a sorte severa  
 Fez que esteja desherdado  
 Da modesta independencia  
 Que me compete e sonhava.  
 Tu choravas, na innocencia  
 Do teu puro coração,  
 Anjo, o primeiro desgosto  
 Que te desbota do rosto  
 Rubida côr de attracção!  
 Mas eu, anjo, deplorava  
 Ver-te a ti mimoso lyrio  
 Debruçado n'um martyrio  
 Que não mereces por certo.  
 Eu chorava por te haver  
 Socia feito do tormento  
 Em que vivo de continuo,  
 Sem o dar a conhecer  
 E sem soltar um lamento.  
 Mais a dôr subiu de ponto  
 Quando ao pé de mim chegaste,  
 E em soluços murmuraste  
 Um ai que esta alma partiu!  
 E eu, com a voz afogada  
 De soluços mal contidos  
 E com a face alagada  
 Dos teus prantos doloridos,  
 «Foge» disse!

E ninguem viu

Esta crise dolorosa;  
 Só a lua, meiga e pallida,  
 Astro magico de amores,  
 Appar'cendo luminosa  
 Entender-nos parecia;  
 E, alagando o Tejo em luz,  
 Par'cia dar a taes dôres  
 A luz da resignação!  
 Tu não te lembras, querida?  
 Lembras sim, que me encaraste  
 Anjo meu de que feitio!  
 Dos olhos o pranto em fio  
 As faces te aljofarava,  
 E na minh'alma caía!  
 Ai que dôr e que poesia!  
 Eu então já não chorava;  
 E n'um impeto de egoismo,

Bebendo-as, amei-te as lagrimas,  
 Que vi n'ellas o baptismo  
 Do teu affecto primeiro!  
 Triste baptismo foi elle!  
 Nunca julguei tanto amar-te!  
 Minha rosa mal aberta,  
 Alvo lyrio feiticeiro,  
 Um desgosto foi preciso  
 Para mostrar-me e provar-te  
 O que tinhas indezido.  
 Se tu viras de que modo  
 Os humbraes d'esse teu-lar  
 Eu transpuz, tremendo todo  
 Nas angustias da saudade,  
 Mais te crescera a piedade  
 E mais-me houveras de amar  
 Se inda mais se ama no mundo!  
 N'esta minha soledade,  
 Se o corpo é longe de ti  
 A minh'alma está contigo!  
 Partindo deixei-t'a ahi  
 Trouxe-te a imagem comigo!  
 Por ella só penso e vivo,  
 E, cada vez mais captivo,  
 Soffro e preso o soffrimento  
 Que é soffrer do nosso amor!  
 Teras tu amor bastante  
 Para n'elle achar valor  
 De lutar e sempre e amante  
 Até que a lucta se vença?  
 Tu tens muito que affrontar!  
 Anjo meu, calcula e pensa!  
 Se te não sentes com força  
 É melhor dizel-o agora,  
 Pois que o amor que me devora,  
 Se lhe falta o teu abrigo,  
 É capaz de me matar!  
 Ai! insensato o que digo!  
 A tua idade, anjo meu,  
 Dá sempre forças o ceo;  
 Apar do amor põe a fé;  
 E nas horas de afflicção  
 Dir-te-ha Deus «espera e crê!»  
 O mundo não te conhece,  
 Nem tu conheces o mundo,  
 Esse sarcasmo profundo,  
 Que da ternura escarnece  
 Luctaremos p'ra vencer.  
 A lucta é grande, bem sei!  
 Mas á lei dos que não sentem  
 Oppondo do amor a lei...  
 O triumpho hemos de ter.  
 Seja o astro da esperança,  
 Quem nos guie em tal conflicto,  
 E veremos no infinito  
 O santelmo da bonança!

A PRIMAVERA

Primavera, doce encanto;  
 Vem tu de novo reinar;  
 Traz da aurora o fresco pranto  
 Ricas perolas sem par,  
 A que as flores sequiosas,

Abrem o seio, contentes  
 Por tornar-se mais formosas,  
 Por tornar-se mais virentes.

Vem do rijo inverno a neve  
 Desfazer com grato amor,  
 E festivo torna, em breve,  
 O preterito rigor!

Vem, oh! vem, meiga deidade,  
 Que ao teu magico poder  
 Surge a esp'rança da saudade,  
 E do campo o malmequer;

Esse propheta gracioso  
 Que a quem o desfolha diz  
 Se pode crer-se ditoso,  
 Se deve crer-se infeliz.

Traz a rosa o seu perfume  
 Que nos dá tão casto goso,  
 E que faz morrer de ciúme  
 O amor-perfeito invejoso!

Vem os despidos pomares  
 De galas brancas vestir;  
 Quanto mais os adornares,  
 Mais nos devem produzir.

A seara ao ver-te se enfeita;  
 Vem trazer-lhe o teu calor,  
 Tornando em fértil colheita  
 O suor do agricultor.

Traz-nos os raios doirados  
 Do matutino arrebol,  
 E os gorgeios namorados  
 Do sentido rouxinol;

Que, escondido entre arvoredos,  
 Diz nas magicas canções  
 Muitos intimos segredos  
 Aos captivos corações.

Traz-nos as tardes fagueiras  
 Com a branda viração,  
 Que de visões feiticieras  
 Nos povôa a solidão.

Traz-nos as noites queridas  
 De tanto goso e pesar,  
 Em que fogem, esquecidas,  
 Horas n'um vago scismar.

Em que a lua se namora  
 Da corrente nos cristaes,  
 Em que a chamma do amor cora  
 Muitos rostos divinaes.

Vem, Primavera divina,  
 Vem a alcachofra gentil  
 Fazer brotar da campina  
 Ao teu bafejo subtil.

Para queimada e ao relento,  
 Posta em noites de condão,  
 Reflorindo ao orvalho bento,  
 Responder ao coração.

Vem, oh! vem p'ra que a donzella,  
 Nos jardins colhendo as flores,  
 Com ellas forme a capella,  
 Com que mais inspira amores!

Vem, rainha, doce encanto,  
 Nalmo e no prado reinar,  
 Faz com teu orvalho santo  
 Flores e amores medrar!

MENDES LEAL (ANTONIO).

## OS JUDEUS DEPOIS DE CRISTO.

Continuação.

Luiz x, filho e successor de Filippe o Bello, reparou, em parte, as injustiças de seu pae. Tornou a chamar os judeus ao seu reino; mas fel-os pagar bem caro este acto de clemencia, mais approved pela humanidade, que pela politica. Permittiram-lhes por 1315, e sob certas condições retornar á França, estabelecerem-se ahi por doze annos, fazerem um trafico honesto, viverem do trabalho de suas mãos, continuarem a cobrança de suas antigas dividas, das quaes todavia o monarcha se reservava dois terços, permittiam-lhes enfim recomprar as synagogas, os cemiterios e os livros, menos o Thalmud.

E o Thalmud era muito para elles porque pode ser considerado como uma especie de encyclopedia judaica, collecção que abrange as leis canonicas e civis, e geralmente todas as sciencias conhecidas no tempo em que foi publicada. A primeira compilação d'esta obra, redigida cerca do iv seculo, foi adoptada pelo pequeno numero de judeus que habitavam ainda na Palestina. No começo do vi seculo appareceu uma segunda, mais augmentada e menos escura que a primeira. É esta ultima que tem chegado até nós, e serve ainda de regra aos hebreus modernos. Mahomet no vii seculo, tirou d'este livro parte dos delirios mysteriosos que inseriu no seu Alcorão. O occidente estava então mergulhado em ignorancia tão grosseira, que em França se não aperceberam dos erros contidos no Thalmud senão por meiado do xiii seculo. Um judeu da Rochella chamado Thomaz, tendo abraçado a religião christã, emprehendeu de proposito a viagem de Roma para o denunciar ao papa Gregorio ix, que reinava então, escreveu, em consequencia d'isto, a todos os principes christãos contra este livro perigoso. Innocencio iv, seu successor, o procreveu tambem, e todos os exemplares que puderam apanhar-se foram queimados; perseguição que os judeus olharam como uma das mais cruéis. Enfim o Thalmud é obra que excitaria em nossos dias mais piedade que sustos. As fabulas absurdas, e as allegorias pueris e ridiculas de que está cheio, apresentam um modelo completo de irracionalidade. Lê-se ali, que as letras do alphabeto hebraico pediram a Deus ser empregadas como instrumentos da criação do mundo. Que as letras que compõem o nome de Satanaz formam o numero 364, para marcar o poder que este inimigo tem sobre o genero humano durante 364 dias do anno, sem ter as mãos presas senão no unico dia da expiação. Os numeros, os nomes, os caracteres, operam prodigios no Thalmud. Isto tem feito pensar que talvez fosse este livro que desse nascimento a cabala, sciencia posterior, que os judeus orientaes receberam dos arabes mahometanos, logo que estes conquistadores, depois de terem desmembrado o império romano, cultiva-

ram e corromperam a philosophia introduzida por seus califas nas academias do Cairo e das outras cidades de sua dominação.

Em desconto das mencionadas concessões disseram aos judeus que o termo de doze annos expirava se alguma razão obrigasse a desterral-os de novo, mas que lhes dariam um praso conveniente para transportarem seus haveres, estabelecendo-lhes dois *praticos*, auditores ou juizes de todos os seus bens. Entretanto a alegria que lhes devia inspirar uma graça tão vivamente solicitada, e longamente recusada, devia ser muito modificada pelo rigor das condições com que lhes era concedida! Constrangiam-n'os ainda a trazer a marca ordinaria, isto é, uma roda da largura de uma torneza branca de prata (moeda) e de côr diversa do vestido. Não lhes permittiam emprestar nem por usura, nem sobre letras, mas simplesmente sobre penhores, dos quaes porém se exceptuavam os ornamentos sagrados, e os *vestidos ensanguentados ou molhados*, sem duvida por temor de algum maleficio! Defendiam-lhes tambem, com as mais graves penas, disputarem sobre a fé, em publico, ou em particular.

A indulgencia de Luiz x não diminuiu nem as prevenções, nem a colera dos povos. Em muitas cidades do Languedoc e da Provença era permittido perseguir os judeus desde sexta-feira santa até a pascoa, logo que se encontrassem nas ruas. Obrigados a trazer uma pequena roda sobre o peito, ou um chapeo amarello, ou qualquer outro distinctivo, facilmente se distinguiam dos christãos. Tinham-lhes expressamente defendido tomar criadas ou amas de leite christãs, e sobretudo concubinas; porque, segundo alguns jurisconsultos d'aquelles tempos barbaros, dormir com um judeu ou com um cão, era pouco mais ou menos a mesma coisa. Tambem, conforme esta bella jurisprudencia, faziam queimar, em qualquer paiz, as raparigas, das quaes o israelita tivesse abusado.

Os rigores que exerceram contra os judeus em Inglaterra podem dar idéa da maneira como elles eram tratados nas outras partes da Europa. O rei João precisando d'uma somma consideravel, e não ousando tiral-a da bolsa de seus subditos, fez prender os judeus ricos para lh'a extorquir. Alguns d'elles escaparam ás perseguições da camara da justiça. Um, a quem arrancaram sete dentes, um apoz outro, para haver d'elle o thesouro, deu mil marcos de prata pelo oitavo. Henrique III tirou d'Aarão, judeu de Yorck, quatorze mil marcos de prata, e mais dez mil para a rainha. Como já dissemos vendeu os outros israelitas de Inglaterra a Ricardo seu irmão por um certo numero de annos, *ut quos rex excoriaverat, diz Mattheus Paris, comes evisceraret*. E taes principes se diziam christãos!

No reinado de Filippe v, de França (1320), um accesso de fanatismo se apossou dos camponeses e dos pastores. Queriam recobrar a terra santa, a despeito do pouco successo das tentativas anteriores. Os novos entusiastas passa-

ram á Aquitania, e de lá ao Languedoc; massacraram em toda a parte os judeus, roubando-lhes os armazens. Era um estranho modo de santificar a sua expedição. Não lhes deixando mais que a escolha entre a morte e o baptismo, os judeus fugiam por toda a parte diante d'elles, levando comsigo o que tinham de mais precioso e de mais caro. Uma multidão d'estes infelizes acolhera-se a uma torre mui forte e elevada, que pertencia ao rei, e estava no castello real de Verdun, sobre o Garonna, na diocese de Toulosa. Ahi mesmo foram assediados com furor, e se defenderam lançando contra os inimigos grossas areias, pedras, e até seus proprios filhos. Os pastores não se enfadavam com isto, até que chegaram a pôr fogo na porta da fortaleza. Então quasi abafados pelo fumo, conheceram os judeus que lhes não restava já meio de se escaparem; e para não cairem nas mãos dos incircumcisos, pediram a um de seus irmãos, moço forte e vigoroso, que a todos desse a morte. Aceita por elle a horrivel commissão, quinhentos israelitas foram degolados. Depois d'isto desceu o tremendo executor com algumas creanças que havia poupado, apresentou-se aos sitiantes, contou-lhes o que acabava de fazer, e pediu-lhes o baptismo. Horrorisaram-se da sua barbaridade, e fizeram-no pedaços. As creanças foram absolvidas e baptisadas.

Os pastores passaram d'ahi ao baixo Languedoc. Já estavam perto de Carcassonna quando o senescal Aymeri de Cros fez publicar um bando em que prohibia se fizesse aos judeus a menor violencia, visto que elles pertenciam ao rei. Muitos porém diziam a isso, que não se deviam oppor a christãos para salvar infieis. Foi preciso reunir tropas, e prohibir sob pena de morte que qualquer desse ajuda ou defendesse os pretendidos cruzados. O conde de Foix deu-lhes caça eom tamanha pressa e coragem que embargou o passo a tantos allucinados. Grande numero d'elles foi preso e enforcado, nos proprios logares em que tinham commettido seus crimes, principalmente em Toulosa, onde haviam degolado todos os judeus sem que ninguem lh'o podesse impedir. Parte dos amotinados dispunha-se a marchar sobre Avinhão, onde o papa tinha então a sua côrte, mas achou todas as passagens tomadas. Muitos foram mortos: muitos expiraram sobre patibulos: o resto fugiu e se dissipou de repente como o fumo.

No anno seguinte, 1321, o mesmo Filippe v expulsou de novo os judeus do seu reino. Fez morrer grande numero accusado pelo odio e necidade, de haver conspirado com os leprosos, para envenenarem os poços e as fontes, lançando n'elles saccoes cheios de hervas maleficas, e outras misturas perniciosas a saude.

Accusados em 1348, no reinado de Filippe vi, da mortalidade d'uma epidemia espantosa, foram mais uma vez massacrados e queimados em muitos sitios.

-Continua.